

AMBIÇÃO: O MAL QUE AMEAÇA A COMUNIDADE

(Mc 10,35-45)

*Francisco Cornelio Freire Rodrigues**
*Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento***

Resumo

Pretendemos com o presente artigo identificar a presença do mal na comunidade cristã, manifestado na ambição dos discípulos a partir da perícopos Mc 10,35-45. Enquanto Jesus caminhava com os Doze para Jerusalém, tendo já anunciado a paixão por três vezes, os discípulos continuavam indiferentes ao seu ensinamento e alimentavam falsas ideias de poder e prestígio, à luz dos modelos vigentes. As consequências dessa incompreensão de uma autoridade exercida pelo serviço, como quis Jesus, resulta na divisão da comunidade, criando um clima de rivalidade entre os discípulos. Com isso Jesus intervém, catequizando-os novamente, e assim combatendo o mal entranhado neles, apresentando a disponibilidade ao serviço como credencial para o seu seguimento.

Palavras-chave: *Ambição. Comunidade. Discípulos. Jesus. Mal. Poder.*

Abstract

We intend with this article to identify the presence of evil in the Christian community, manifested in the ambition of the disciples from the passage Mark 10:35-45. As Jesus walked with the Twelve to Jerusalem, having already announced the passion three times, the disciples remained indifferent to his teaching and fed false ideas of power and prestige in the light of the existing models. The consequences of this incomprehension of an

* Francisco Cornelio Freire Rodrigues
Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino, Roma. Professor de Antigo e Novo Testamento na Faculdade Diocesana de Mossoró, RN.

** Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento
Especialista em Assessoria Bíblica pela Faculdades EST, São Leopoldo, RS. Assessora do CEBI – Centro de Estudos Bíblicos em Mossoró e no Rio Grande do Norte.

authority exercised by the service, as Jesus wanted, results in the division of the community, creating a climate of rivalry among the disciples. With this Jesus intervenes, to catechize them again, and thus combating the evil ingrained in them, presenting the availability to serve as a credential for being his follower.

Keywords: *Ambition. Community. Disciples. Jesus. Evil. Power.*

1. A presença do mal na comunidade cristã e o combate de Jesus

A luta de Jesus no combate ao mal é uma constante no Evangelho segundo Marcos, bem como nos demais evangelhos. Além de cenas que demonstram diretamente essa luta, como exorcismos e curas, é necessário perceber que o combate ao mal foi o foco principal do programa de Jesus. O mal “se dá mal” toda vez que se faz o bem. Fazer o bem foi a principal atividade na vida de Jesus, conforme Pedro resume muito bem, na casa de Cornélio:

Jesus de Nazaré, começando pela Galileia, depois do batismo proclamado por João, como Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder, Ele que passou fazendo o bem e curando a todos os que estavam dominados pelo diabo, porque Deus estava com Ele (At 10,37-38)¹.

Da afirmação de Pedro, de que Jesus passou a vida fazendo o bem, podemos aferir que passou a vida combatendo o mal. Porém, é necessário desmitificar o mal e identificá-lo nas mais variadas situações, o que pode não ser uma tarefa fácil, considerando que:

Assim como para o bem, não existe na Bíblia nenhuma especulação para o mal; sua realidade é somente atestada, sentida e, às vezes, descrita sob uma forma pessoal. Em suma, constata-se que ele está presente, que ele é forte e que se opõe sempre ao Deus bom².

Uma vez que ele está presente e sempre se opõe ao Deus bom, podemos identificar uma de suas manifestações na ambição dos discípulos em Mc 10,35-45. O Evangelho de Marcos, o mais próximo dos acontecimentos conforme em geral se aceita, tem um forte cunho apocalíptico e destaca a urgência de Jesus em realizar sua missão. Percebe-se, também, a resistência a sua mensagem desde o início de seu ministério. Já na passagem de 3,6 o livro destaca a conspiração entre os herodianos e os fariseus para destruir Jesus. Estes grupos, que vem de

1. Citações bíblicas neste texto conforme a *Bíblia de Jerusalém*, exceto quando se faz expressa referência a outra edição/tradução.

2. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 225.

Jerusalém para observar e perseguir Jesus e seus discípulos, representam uma face das forças do mal atuante na sociedade de então, combatido por Jesus com vigor. Elas estão presentes na opressão romana e no sistema de exploração implantado com o apoio das elites locais gerando desigualdade e exclusão política, social e econômica da maioria da população. A dominação religiosa, centrada no templo, é marcada pela cobrança da observância da pureza ritual e das tradições.

Mais que um elemento externo às pessoas, as forças do mal que sustentam a opressão se valem de um forte aparato ideológico para submeter a maioria da população e fazê-la acreditar que o sistema no qual estão mergulhadas é o melhor e o único possível. A leitura de Marcos revela que os discípulos e continuadores da missão de Jesus muitas vezes não entendem a sua proposta, pois sua mente e suas aspirações estão contaminadas pela ideologia das forças do mal.

É, portanto, inegável que o mal está presente entre os discípulos de Jesus. O estudo da nossa perícopes possibilitará perceber sua manifestação e suas consequências para a comunidade, causando divisão e rivalidade e até ameaçando a sua existência e fidelidade à causa do Reino. O evangelho destaca também a pedagogia de Jesus para lidar com comportamentos tão contrários a sua mensagem e para questionar de que lado os discípulos estão. Este questionamento vale para todos nós que hoje assumimos o nome de cristãos.

2. Mc 10,35-45 em seu contexto

No relato marcano os discípulos de Jesus são impactados por sua presença e mensagem, deixando tudo para seguir o seu chamado. Sob o impulso original da novidade relevam as normas judaicas com coragem e ousadia, comendo com os pecadores (2,15), descumprindo o jejum (2,18) e deixando de observar o repouso do sábado (2,23) e as leis da pureza (7,2-7). No entanto, com as resistências ao evangelho, ante a liberdade e ao mistério da pessoa de Jesus, começam a não entendê-lo e até mesmo a confrontá-lo.

Várias passagens revelam esta realidade. Em 1,36, enquanto Jesus reza de madrugada após um dia de intenso trabalho, os discípulos o procuram com a multidão. Quando questionados pelos escribas e fariseus nada dizem, é sempre Jesus que responde por eles como em 2,16.18; 7,2-7. Na cura da mulher com fluxo sanguíneo criticam Jesus quando este pergunta quem tocou minhas vestes (5,30-31)³. Jesus os critica severamente por não entender as parábolas, ter o coração duro e pela falta de fé (4,40; 6,49-51; 8,14). Nos dois relatos da multiplicação dos pães (6,30-43 e 8,1-9) não querem assumir com Jesus a tarefa de alimentar multidão. Não conseguem curar o menino epilético (9,14-29). Proíbem as pessoas de fora

3. Os discípulos disseram-lhe: “Estás vendo a multidão que te comprime e perguntas: ‘Quem me tocou?’”, o tom da resposta é de ironia, quase como se dissessem: está doido.

do grupo de usar o nome de Jesus (9,38-40). Espantam-se quando Jesus adverte contra o perigo das riquezas (10,23-25).

Sentindo este conflito Jesus reserva um tempo para formar seus discípulos, embora Ele esteja sempre com os discípulos e os ensine pelo exemplo. Alguns autores, como Ched Myers, usam o termo catequese para se referir a esta pedagogia de Jesus. Preferimos não usá-lo, pois ao longo da história a palavra catequese tomou o sentido mais de doutrinação do que de itinerário de fé.

Jesus pode trabalhar com o crescimento dos seus discípulos porque, ao longo de sua vida, Ele também aprendia e “crescia e ficava forte, cheio de sabedoria, e a graça de Deus estava com Ele” (Lc 2,40). Um texto bastante elucidativo é a narração da cura da filha de uma siro-fenícia (Mc 7,24-30); esta mulher estrangeira e sem nome convence Jesus a mudar de atitude em relação às pessoas de fora de Israel e curar a sua filha. Em Marcos o diálogo deixa claro que as palavras da mulher levaram Jesus a refletir: “Pelo que disseste, vai: o demônio saiu da tua filha”.

Os biblistas Carlos Mesters e Francisco Orofino refletindo sobre o tema defendem que⁴: “Falando de ‘Jesus formando e formador’, não se trata de dois períodos distintos, como se nos trinta anos em Nazaré Jesus fosse só formando, e nos outros três anos fosse só formador. Na realidade, o formando sempre é fator de formação para seu próprio formador. O formador se forma formando seus discípulos”.

Encontramos nesta afirmação quase um eco das palavras do educador Paulo Freire “É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que – embora diferentes entre si – quem forma se forma e re-forma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 2010).

Para compreender melhor a passagem analisada, há necessidade de perceber sua inserção no contexto geral do evangelho. Há uma quase unanimidade entre os estudiosos quanto à divisão do evangelho em um prólogo e duas grandes partes⁵. Seguindo essa tendência, localizamos a nossa perícopes na segunda parte e no contexto da viagem para Jerusalém, trecho que vai de 8,27 a 10,52.

4. O texto integral da conferência proferida na 3ª Semana Brasileira de Catequese pode ser consultado no link http://www.verbodivino.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=260:pater-noster&catid=70&Itemid=105. Depois o tema foi aprofundado por Mesters numa publicação do Centro de Estudos Bíblicos – Cebi com o mesmo título. Obra referida na bibliografia.

5. Como, por exemplo, SOARES, Armando G.; CORREIA JÚNIOR, João L.; OLIVA, José R. *Comentário do Evangelho de Marcos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012, propõem a seguinte divisão e da seguinte forma: Prólogo (1,1-13): apresentação do Messias; Primeira parte (1,14–8,26): o ministério do taumaturgo Jesus de Nazaré; Segunda parte (8,27–16,8): aos poucos vai se esclarecendo quem é Jesus – Jesus é o Messias Sofredor; Conclusão canônica (16,9-20).

Todas as cenas escolhidas por Marcos para compor o relato da viagem são ocasião para ensinamento. Observemos a sequência:

- 8,27-30 – A confissão de Pedro
- 8,31-33 – Primeiro anúncio da Paixão
- 8,34–9,1 – Tomar a cruz como exigência para o seguimento
- 9,2-13 – A Transfiguração
- 9,14-29 – A cura da criança epiléptica e endemoniada
- 9,30-32 – Segundo anúncio da Paixão
- 9,33-37 – Discussão sobre quem é o maior no Reino e o exemplo das crianças
- 9,38-41 – Acolhimento aos de fora da comunidade: “quem não é contra nós é por nós”
- 9,42-50 – O escândalo
- 10,1-31 – Discussões e obstáculos no caminho: divórcio (1-12); acolhimento das crianças (13-16); o homem rico e o perigo das riquezas (17-31)
- 10,32-34 – Terceiro anúncio da Paixão
- 10,35-45 – O poder no mundo e na comunidade
- 10,46-52 – Cura do cego Bartimeu

Alguns comentaristas, como Ivoni Richter Reimer⁶, apontam o início da segunda parte do evangelho em Mc 8,22 com a cura de um cego em Betsaida, que precisa de duas intervenções de Jesus para recuperar a visão. Para eles, os cegos colocados por Marcos no início e no fim da viagem representam os discípulos que não enxergam, e, portanto, não compreendem a mensagem de Jesus. A viagem e o ensino têm por objetivo curar a cegueira dos discípulos que não enxergam o mundo com os olhos de Jesus.

A nossa perícopé sucede imediatamente o terceiro e último anúncio da paixão e marca o último ensinamento da viagem. Propomos a seguinte tradução:

6. REIMER, Ivoni Richter. “No se atemoricen!” (Mc 16,6). Visión general y perspectivas interpretativas. *Ribla – Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, n. 64, p. 7-21, 2009/3.

v. 35	E chegam a Ele Tiago e João, os filhos de Zebedeu, dizendo-lhe: “Mestre, queremos que nos faça o que te pedirmos”.
v. 36	Ele lhes disse: “Que quereis que eu faça a vós?”
v. 37	Eles lhe disseram: “garante a nós que sentemos um à direita e outro à esquerda de ti, na tua glória”.
v. 38	Mas Jesus lhes disse: “Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que eu bebo ou ser batizados com o batismo com que eu sou batizado?”
v. 39	Eles lhe disseram: “Podemos”. Mas Jesus lhes disse: “O cálice que eu bebo, bebereis; com o batismo com que sou batizado, sereis batizados.
v. 40	Mas sentar-se à minha direita ou esquerda não cabe a mim conceder, mas é para aqueles a quem está preparado”.
v. 41	E tendo ouvido, os dez começaram a indignar-se com Tiago e João.
v. 42	E Jesus convocando-os, lhes diz: “sabeis que os que são considerados chefes das nações as dominam, e os grandes as tiranizam.
v. 43	Porém, entre vós não é assim, mas aquele que quiser tornar-se grande entre vós será vosso servidor.
v. 44	E aquele que quiser ser o primeiro entre vós, será escravo de todos.
v. 45	Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida dele em resgate de muitos”.

Estudo do texto

Partindo da tradução acima, apresentamos a seguinte proposta de interpretação do texto, na qual procuramos identificar o quanto a ambição dos discípulos interfere na realização do projeto de Jesus.

v. 35: E chegam a Ele Tiago e João, os filhos de Zebedeu, dizendo-lhe: “Mestre, queremos que nos façás o que te pedirmos”.

Tiago e João, além de serem dois dos primeiros chamados (cf. Mc 1,19-20), estavam sempre entre os discípulos mais próximos de Jesus, podendo ser classificados como privilegiados, pelo fato de estarem presentes em momentos importantes da vida de Jesus (cf. Mc 5,37; 9,2-10; 13,3-4; 14,3-42). No entanto, essa proximidade não resultava em conhecimento da sua proposta, considerando o pedido absurdo que será feito.

v. 36: Ele lhes disse: “Que quereis que eu faça a vós?”

Como na maioria das vezes, Jesus não responde com uma afirmação ou negação, mas com uma nova interrogação. Certamente há uma dose de ironia nessa interrogação, o que vai se evidenciar no decorrer do texto, uma vez que Jesus conhecia bem seus discípulos, embora esse conhecimento não fosse recíproco. E mais: é a mesma pergunta que Jesus fará, a seguir, ao cego Bartimeu (cf. Mc 10,51), o que evidencia que também os discípulos pareciam cegos, uma vez que não tinham clareza alguma a respeito do projeto e destino de Jesus.

v. 37: *Eles lhe disseram: “Garante a nós que sentemos um à direita e outro à esquerda de ti, na tua glória”.*

Se ainda não tinham aprendido nada com os três anúncios da paixão, pouco importava uma pergunta irônica de Jesus (v. 36). Por isso, sem nenhuma inibição os dois discípulos fazem um pedido absurdo que revela “uma ridícula ambição”⁷. O uso do verbo *dídomi*, garantir, no imperativo aoristo é uma verdadeira afronta a tudo o que Jesus havia já anunciado acerca de si e do seu projeto. O pedido revela, de fato, uma busca ambiciosa de poder e privilégio, decorrente de “uma compreensão errônea do anúncio da paixão e ressurreição e, em suma, de toda a missão de Jesus, que eles associavam com poderes terrenos”⁸. De fato, “o fundamento desta manifestação do desejo ambicioso dos discípulos é a maneira como viam Jesus: o messias davídico, que com poder restauraria o reino de Israel”⁹.

v. 38: *Mas Jesus lhes disse: “Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que eu bebo ou ser batizados com o batismo com que eu sou batizado?”*

Ao absurdo pedido, Jesus responde com uma repreensão e uma provocação. Considerando o conjunto do ensinamento de Jesus, realmente “os discípulos merecem a repreensão”¹⁰, pois estão distantes do ideal anunciado e vivido por Jesus. Ora, passaram-se os três anúncios da paixão, nos quais Jesus deixara claro o seu destino doloroso; como é possível que os discípulos ainda estejam pensando em glória e privilégios pessoais? Por isso, e com razão, Jesus classifica-os como ignorantes.

Após a repreensão, uma nova provocação é apresentada. Aqui, os comentaristas costumam prolongar-se bastante, considerando a riqueza do simbolismo que a imagem do cálice evoca, juntamente com o batismo¹¹. Aqui, não exploraremos o

7. PAGOLA, José A. *O caminho aberto por Jesus*: Marcos. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 210.

8. LENTZEN-DEIS, Fritzleo. *Comentário ao Evangelho de Marcos*: modelo de nova evangelização. São Paulo: Ave-Maria, p. 349.

9. SOARES; CORREIA JÚNIOR; OLIVA. *Comentário do Evangelho de Marcos*, p. 330.

10. Id., *ibid.*

11. Id., *ibid.*

universo simbólico das duas imagens e, seguindo a linha de Myers, vemos uma síntese da trajetória de Jesus: “o batismo remonta ao começo da aventura (1,8-11), ao passo que o cálice antecipa o dramático clímax da narrativa do discipulado, a última ceia e o Getsêmani (cf. 14,23.36)”¹². Jesus pergunta se os discípulos estão dispostos a viver incondicionalmente o que Ele mesmo já vive desde o batismo e o que o levará para a cruz.

v. 39-40: *Eles lhe disseram: “Podemos”. Mas Jesus lhes disse: “O cálice que eu bebo, bebereis; com o batismo com que sou batizado, sereis batizados, mas sentar-se à minha direita ou esquerda não cabe a mim conceder, mas é para aqueles a quem está preparado”.*

Preferimos analisar esses versículos juntos, para preservar a unidade da resposta de Jesus. A resposta positiva dos irmãos parece ser carregada de certa presunção, por isso Jesus não a leva muito a sério; além disso, a disposição para abraçar e assumir as consequências de um seguimento sério e radical não pode ser em função de recompensas posteriores. Por isso, Jesus confirma que, de fato, eles participarão de seu destino doloroso, simbolizado pelas imagens do cálice e do batismo. O Reino não está em promoção; abraçá-lo em vista de recompensa é sinal de falta de compreensão a respeito do mesmo. A determinação de lugares na glória é um dom gratuito do Pai; não é uma conquista por méritos.

v. 41: *E tendo ouvido, os dez começaram a indignar-se com Tiago e João.*

O resultado do ambicioso pedido dos dois irmãos é a divisão da comunidade; à medida que os projetos individuais são destacados, a unidade é quebrada. A reação de indignação dos outros dez não significa que eles tivessem compreendendo melhor a dinâmica do projeto de Jesus; pelo contrário, demonstra que eles também pensavam como os dois irmãos e revoltam-se por rivalidade, ou seja, eles também queriam os dois lugares de destaque pretendido pelos filhos de Zebedeu. Essa reação afirma que o espírito de concorrência contagiava o grupo dos discípulos. A comunidade está completamente ameaçada.

v. 42: *E Jesus convocando-os, lhes diz: “sabeis que os que são considerados chefes das nações as dominam, e os grandes as tiranizam”.*

Jesus vê a ambição dos discípulos com muita preocupação, a ponto de convocar uma reunião e expor o seu projeto com mais clareza ainda, procurando mostrar o quanto o seu projeto é diferente de qualquer projeto humano de

12. MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, p. 336.

obtenção e exercício do poder. Tendo negligenciado os três anúncios da paixão, os discípulos têm como parâmetro os modelos vigentes de poder, marcados pelo domínio e a tirania.

v. 43-44: Porém, entre vós não é assim, mas aquele que quiser tornar-se grande entre vós, será vosso servidor. E aquele que quiser ser o primeiro entre vós, será escravo de todos.

Considerando o versículo anterior, no qual Jesus, de modo muito objetivo, mostrou o modelo de exercício de poder almejado pelos discípulos, eis que agora Ele apresenta sua reação: “entre vós não é assim”! Na comunidade cristã não pode haver espaço para carreirismo, ambição e posições de privilégio. Qualquer imitação dos sistemas vigentes de poder, da sinagoga ao Império Romano, deve ser abolida da comunidade.

A expressão “entre vós não é assim” é carregada de certa ironia da parte de Jesus, uma vez que, de fato, estava sendo daquele jeito entre os discípulos; ao mesmo tempo, é uma forte chamada de atenção: não é mais possível adiar a tomada decisiva de posição a respeito dos valores do Reino. Daí Ele apresenta qual é o modelo a ser seguido pela comunidade: o serviço. É necessário passar de um modelo baseado na imposição para um novo paradigma baseado no serviço, tendo em vista a igualdade e o bem de todos.

v. 45: Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida dele em resgate de muitos”.

Tendo corrigido mais uma vez os discípulos em relação ao modelo a ser seguido no exercício da autoridade, Jesus se apresenta mais uma vez como tal. Muitas vezes Jesus refere-se a si mesmo com o título “o Filho do Homem”¹³; mas não trataremos do seu sentido aqui, considerando que nosso foco é outro. Jesus está contrapondo as expectativas messiânicas dos discípulos à realidade: ao invés da violência e da tirania, o poder na comunidade é exercido na doação e no serviço. É também um convite aos discípulos para, definitivamente, abandonarem os chefes deste mundo como parâmetro e aceitarem Jesus como único modelo a ser seguido.

Conclusão

A atenção de Jesus aos seus discípulos e a necessidade de ajudá-los a mudar de mentalidade é essencial para que seu projeto permaneça vivo. Como já destacamos no início do texto, a ideologia do império contribui tanto para a manuten-

13. SOARES, A. Gameleira; CORREIRA JÚNIOR, J. Luiz; OLIVA, J. Raimundo. *Comentário do Evangelho de Marcos*, p. 336.

ção de seu poder quanto as legiões. A forma de pensar do opressor se entranha no oprimido.

O educador brasileiro Paulo Freire na sua caminhada de construção da *Pedagogia do oprimido*, que influenciou e foi influenciado pela metodologia da educação popular, sentiu forte esta realidade presente em sua própria vida. Destacamos apenas uma fala sua nesse sentido:

Tudo o que eu fiz em termos de educação popular, de aprendizado dessa educação popular, o que eu fiz dos discursos, como os discursos populares me foram tocando, mas como também eu demorei a me dar a esses discursos. Você veja o que é o poder ideologizante que a gente vai guardando dentro da gente¹⁴.

No caminho para Jerusalém os ensinamentos e as práticas de Jesus foram tocando os seus seguidores para questionar a sua forma de compreender o mundo, a religião e a forma de agir em comunidade. A comunidade deve ser diferente para não reproduzir a lógica do império/opressor.

É que, quase sempre, num primeiro momento deste descobrimento, os oprimidos, em vez de buscar a libertação na luta e por ela, tendem a ser opressores também, ou subopressores. A estrutura de seu pensar se encontra condicionada pela contradição vivida na situação concreta, existencial, em que se “formam”. O seu ideal é, realmente, ser homens, mas, para eles, ser homens, na contradição em que sempre estiveram e cuja superação não lhes está clara, é ser opressores. Estes são o seu testemunho de humanidade¹⁵.

O testemunho de humanidade a ser seguido é o testemunho de Jesus. A lógica de atuação e organização deve ser mais aberta e democrática, mais lúcida e crítica. E também mais amorosa e pedagógica.

A leitura do texto também deixa claro que a mensagem e o questionamento valem para a comunidade destinatária do evangelho e para todos os que vão lê-lo posteriormente. A perícopes não descreve a reação dos discípulos e nem a sua resposta.

Cada pessoa e/ou comunidade deve se colocar diante desta provocação de Jesus e decidir como segui-lo e viver a novidade do evangelho. Ao longo da história muitas vezes em nome de Jesus se praticaram atitudes contrárias ao evangelho. Por isso, no seu seguimento o discernimento deve ser constante, pois o modo

14. Transcrição da entrevista no Programa Memória Viva da TV Universitária (Natal, RN), em 21/05/1983, dada pelo autor: LYRA, Carlos. *As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação*. São Paulo: Cortez, p. 181.

15. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 33.

de viver e servir deve testemunhar os valores do Reino e dar a vida em resgate dos irmãos.

Francisco Cornelio Freire Rodrigues
Rua Maria Salém Duarte, 175, Abolição II
59619-330 Mossoró, RN
E-mail: fco_cornelio.fr@hotmail.com

Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento
Rua Velho Darico, 396, apto. 905, Doze Anos
59603-130 Mossoró, RN
E-mail: zeliacebi@hotmail.com

Bibliografia

BÍBLIA. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2014.

CARLOS, Lyra. *As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação*. São Paulo: Cortez, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1980.

LENTZEN-DEIS, Fritzeo. *Comentário ao Evangelho de Marcos: modelo de nova evangelização*. São Paulo: Ave-Maria, 2003.

MONLOUBOU, L.; DU BUIT, F.M. *Dicionário bíblico universal*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

PAGOLA, José A. *O caminho aberto por Jesus: Marcos*. Petrópolis: Vozes, 2013.

SOARES, Armando G.; CORREIA JÚNIOR, João L.; OLIVA, José R. *Comentário do Evangelho de Marcos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.